

A MÚSICA 'NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA' E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ACERCA DE INFERÊNCIAS LITERÁRIAS

Renan Belarmino Viana da Silva¹
Acauam Silvério de Oliveira²

Resumo: Este artigo analisa inferências literárias presentes na canção 'No Tempo da Intolerância', de Elza Soares, e, assim, propõe um plano de aula que abarca a habilidade EF69LP44PE do Currículo de Pernambuco, que prevê a inferência de valores sociais, culturais e humanos a partir de obras literárias. Ancorado nas teorias de Bakhtin (1997, 2011), Candido (1995), Koch (2000), e em pesquisas recentes sobre a canção como gênero discursivo e a educação crítica, buscou-se analisar a relação entre música e literatura, o significado de inferência e a importância da literatura no ensino. Esta pesquisa é um trabalho de revisão bibliográfica e tem como metodologia a análise de uma canção para propor uma prática didática. Como resultado, além do plano formulado, enfatiza-se a importância destes para a eficácia do ensino de língua portuguesa e a relação entre música e literatura na educação.

Palavras-chave: Literatura; Música; Educação; Inferência.

The song "in times of intolerance" and education: a didactic proposal on literary inferences

Abstract: This article analyzes the literary inferences in Elza Soares' song "No Tempo da Intolerância" and proposes a lesson plan based on the EF69LP44PE skill from the Pernambuco Curriculum, which focuses on

¹ Universidade de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3581-4323>. E-mail: renan.viana@upe.br

² Universidade de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4232-8736>. E-mail: acaum@gmail.com.



inferring social, cultural, and human values from literary works. Drawing on the theories of Bakhtin (1997, 2011), Candido (1995), Koch (2000), and recent research on song as a discursive genre and critical education, the study examines the connection between music and literature, the meaning of inference, and the role of literature in teaching. This is a bibliographic review, using song analysis to propose a teaching practice. The article highlights the importance of these elements for effective Portuguese language teaching and the relationship between music and literature in education.

Keywords Literature; Music; Education; Inference.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma das formas mais potentes de expressão humana e artística. Seus significados transcendem as palavras e conduzem o leitor a um universo de sentidos, intenções e mensagens. Nesse panorama, destaca-se a inferência como uma habilidade essencial para reconhecer e assimilar o que está implícito, fazendo o leitor mergulhar em uma jornada interpretativa de sensibilidades e reflexões. É na literatura que encontramos inferências enriquecedoras e produtivas para o desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e do diálogo.

O encontro entre literatura e música constitui um campo fértil e encantador, em que as palavras ganham vida ao ritmo das melodias. Essas duas formas de arte, embora distintas, convergem em uma harmonia capaz de expandir o alcance da linguagem e de promover múltiplas leituras do mundo. No contexto educacional, essa integração revela-se uma estratégia significativa para aproximar o estudante da literatura de forma sensível e crítica, especialmente quando mediada por gêneros discursivos como a canção popular, que traduz experiências sociais e culturais de grande relevância.

Considerando o cenário atual de crescente intolerância, discursos de ódio e polarização sociopolítica, a

música reafirma-se como espaço de resistência simbólica e educativa. A canção “No Tempo da Intolerância”, de Elza Soares, apresenta um potente discurso de denúncia e reflexão sobre a contemporaneidade, tornando-se um objeto privilegiado para o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas à leitura inferencial e à valorização da diversidade. Assim, analisar essa obra sob a perspectiva da inferência literária contribui para o fortalecimento de uma educação ética, estética e humanizadora (Candido, 1995; Bakhtin, 2011; Koch, 2000).

Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar as inferências literárias presentes na canção “No Tempo da Intolerância”, de Elza Soares, relacionando-as aos valores sociais, culturais e humanos propostos pela habilidade EF69LP44PE do Currículo de Pernambuco (2022). Além disso, busca-se propor uma prática didática que articule literatura e música como linguagens complementares no processo de ensino-aprendizagem, ancorando-se nas contribuições de Bakhtin (2011), Koch (2000) e Peirce (2017) para refletir sobre a construção de sentidos, a leitura crítica e a formação cidadã.

Estruturalmente, este artigo organiza-se em quatro partes: a) fundamentação teórica; b) análise inferencial da canção “No Tempo da Intolerância”; c) proposta didática; e d) considerações finais. Pretende-se, assim, contribuir com o campo de estudos que relaciona música, literatura e educação, reforçando o papel da arte como instrumento de resistência e de formação humanística no ensino de Língua Portuguesa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação entre Literatura e outras artes possibilita uma formação educacional, cidadã e consciente dos estudantes, visto que novos horizontes são expandidos perante eles, com diversas formas de comunicação, linguagens que se

interrelacionam e conteúdos que podem ser essenciais para a formação de uma consciência individual e social. Levar uma pessoa a perceber o outro, o contexto em que está situado e/ou a enxergar sua própria personalidade é uma tarefa cujo instrumento principal de realização é a linguagem. Dessa forma, percebemos que a interação entre diferentes gêneros (uma vez que a língua se dá a partir deles) e linguagens contribui para a constituição do ser e de um grupo.

De acordo com o princípio dialógico bakhtiniano, a alteridade é parte constituinte do homem e dos seus produtos de interação, que são os discursos. Tal princípio significa a capacidade de se colocar no outro e de se internar no outro através das palavras e, conseqüentemente, das suas cargas semânticas. É na troca de discursos que o meu discurso é formado e, em contrapartida, o do outro também. Vivenciando, desta forma, diversos tipos de discursos, sejam oriundos de artes ou não, formam-se, então, capacidades discursivas amplas e habilidades de se comunicar e receptionar discursos e ideologias de modo mais abrangente.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Bakhtin/Voloshinov, 1997: 95)

O contato com as palavras de alguém de uma cultura diferente, com diferentes sons, idiomas, imagens e valores, pode ser visto como uma fonte de contraste, distinguindo-se por oposição, ruptura e novidade. Esse encontro com o "outro" proporciona a oportunidade de nos percebermos no mundo de maneira mais ampla. Bakhtin se refere a esse fenômeno

como um movimento exotópico, onde é necessário se distanciar de si mesmo para se enxergar como um todo.

pode ser caracterizada como processo de assimilação - mais ou menos criador - das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de um grau vário de apercetibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2011, p. 294 e 295)

A língua é inseparável do seu conteúdo ideológico. Assim, o discurso, que é o produto da língua na interação, é carregado de intenções do locutor para com o interlocutor; intenções essas motivadas ideologicamente. Isso acontece não apenas na fala ou na escrita, mas também através de outras artes, como a música, por exemplo, que se enquadra perfeitamente nesse modelo de interação onde são expressados pensamentos e recepcionados das mais variadas formas.

A literatura é um dos instrumentos pelos quais o homem se comunica, explorando os múltiplos sentidos e intenções que pretende compartilhar, se fazer ouvir e fazer pensar, “ela a cura em particular [...] é instrumento de justiça e tolerância, e a leitura, como experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo” (Compagnon, 2009, p. 33).

Através da literatura, o indivíduo verbaliza suas emoções, insatisfações, desejos, entre outras reações ao mundo. Na literatura, podemos encontrar frequentemente, de forma explícita ou implícita, o dialogismo, o diálogo constante entre diferentes vozes, contextos sociais e históricos.



Os estudos literários possibilitam ao indivíduo o desenvolvimento de uma maior sensibilidade com relação a sua realidade e das pessoas que estão ao seu redor. Com eles, há uma maior probabilidade de se fazer refletir acerca do mundo e do ser humano, estimulando-o, também, a se impor no ambiente do qual faz parte. Candido define esse processo como humanização:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tento nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber [...] a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 180)

Dessa forma, analisar uma obra literária, independentemente do seu gênero, é promover e oferecer ao estudante — já entrando no contexto educacional — uma formação que vai além da pragmática dos conceitos e fórmulas, mas que traz um leque de reflexões, debates e propostas de soluções para os mais diversos casos, sejam de caráter individual ou de amplitude social. Com a literatura, pode-se fazer uma crítica a um determinado sistema, discutir sobre um dos lados da personalidade humana, explorar as especificidades de um autor ou leitor, entre tantas outras possibilidades.

Nessa perspectiva, a união entre os códigos literário e musical assume um papel central na escola:

A literatura, a canção popular a poesia e a música criam uma ligação histórica, artística, literária e linguística muito forte entre a oralidade e a escrita, entre o cotidiano e o acadêmico, entre o erudito ou

o canônico com o popular. Nas linhas de seus textos multissemióticos é possível ler, ver, sentir e ouvir diálogos entre as áreas sociais e da economia, da política com a disputa de poder, entre opressores e oprimidos, entre artistas e pessoas comuns. Entendemos que o ensino formal da língua escrita e oral ainda está longe de oferecer conhecimentos para os seus estudantes que a literatura e as canções populares já oferecem e divulgam no cotidiano, conhecimento que nas práticas escolares nem sempre é autorizado ou validado. (Baron & Baltar, 2019, p. 151)

Somado a isso, destaca-se a música popular como um dos principais veículos pelos quais a literatura se concretiza e atinge um vasto número de pessoas. Embora por vezes estigmatizada, a canção popular é um dos maiores espaços de contato com o texto literário. A apreciação e o potencial desse gênero discursivo multissemiótico residem em suas letras, na maioria das vezes de fácil assimilação, e nos arranjos que a transformam em um poderoso instrumento de vozes que necessitam ser ouvidas. Pesquisas recentes reforçam a importância da canção como ferramenta para a formação humana e cultural, especialmente na Educação Básica. Candido (1995) tranquilamente considerará a música popular como literatura, visto que nela se encontram os elementos essenciais de sua definição:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, e até as formas mais complexas de produção escrita das grandes civilizações (p. 174).

A união entre literatura e música existe desde sua origem. Nascidas juntas e, com o tempo, ramificadas entre música e poesia, a música e a literatura são, até hoje, usadas para entreter, fazer rituais, promover emoções e expressar

críticas sociais, entre outras. A música faz parte do cotidiano de toda sociedade que se tem conhecimento com diversos propósitos, e, unidos os sons às letras, os discursos verbais, constitui-se um poderoso gênero literário.

Nenhuma classificação seria capaz de abranger completamente a ampla gama de relações presentes nessas configurações. Contudo, as classificações revelam sua utilidade como ponto inicial para mapear e analisar semelhanças e diferenças entre os fenômenos músico-literários. Nessa perspectiva, destacam-se as contribuições de Steven Paul Scher. Scher (1968, 1979 e 1982) propõe três grandes áreas: “Literatura e Música” “Literatura na Música”, “Música na Literatura.”.

Em “Literatura na música”, Scher aborda o conceito de Música Programática, que tem sua inspiração em ideias que vão além do aspecto puramente musical. Frequentemente, essa forma de música é acompanhada por um folheto ou programa escrito. Esse material serve como guia para o ouvinte, contando uma história, descrevendo uma paisagem ou evocando personagens de narrativas já conhecidas, auxiliando assim na interpretação da composição.

Na obra “Literatura e música”, o nome já adianta do que se trata: a união entre os dois elementos na canção. O termo “canção” sugere situações em que as artes da música e da palavra se unem, especialmente na música vocal. Entre várias formas musicais, como oratórios, cantatas, madrigais, coros e baladas, a canção destaca-se como uma das composições mais antigas e reconhecíveis. A análise desse tipo de música levanta uma questão fundamental: como a estrutura das palavras se relaciona com a parte musical da composição.

Já em “Música na literatura”, são analisadas as relações entre as palavras, a sua estrutura e a musicalidade que pode

existir nelas a depender da sua composição. Como exemplo, podemos citar “E agora, José”, de Carlos Drummond de Andrade, poema este que virou até canção na voz de Paulo Diniz.

Dessa forma, podemos concluir que música e literatura são áreas que se unem facilmente – inclusive gerando um novo gênero: a canção. A interação entre música e literatura é profunda e ampla, mostrando como essas formas artísticas podem se entrelaçar para criar experiências ricas e complexas. Ambas têm o poder de evocar emoções, contar histórias e oferecer diferentes perspectivas sobre a condição humana.

Para analisar a canção em sua totalidade, recorreremos à semiótica – o estudo dos signos e seus significados. A análise semiótica da música emerge como uma ferramenta vital na educação, capacitando o cidadão a desenvolver a interpretação de signos culturais. Buscamos compreender como os signos se relacionam, as mensagens que transmitem e como são interpretados no contexto da formação educacional.

Nesse sentido, o estudo semiótico na área de educação musical adquire uma relevância metodológica incontestável:

A análise semiótica emerge como uma ferramenta vital na educação, capacitando cidadãos críticos e preparando futuros educadores. Sua metodologia investigativa, centrada na interpretação de signos culturais, enriquece a compreensão da cultura, da música e da sociedade. (Quintana, 2023, p. 1)

Charles Sanders Peirce (2017) diz que as pessoas percebem os signos por meio de um processo de abstração que, de acordo com o autor, é semelhante ao raciocínio matemático. Dessa forma, ao examinarem conscientemente e imaginativamente, elas constroem um modelo mínimo e abstrato com significado, delineando as mudanças na realidade diante de questionamentos. Esse procedimento seria

formalizado por uma "doutrina dos signos", formada a partir de uma "inteligência 'científica', isto é, por uma inteligência capaz de aprender com a experiência.". Segundo Peirce, "é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido." (Peirce, 2017, p. 45)

Para abordar a teoria semiótica na música, voltamos ao Curso de Linguística Geral, de Saussure, onde foram colocadas as primeiras noções de semiótica. As teorias que desenvolveu foram aplicadas às linguagens, inclusive à música. Porém eram, ainda, insuficientes, pois não abarcavam toda a relação que o signo tem com os demais e com suas formas de comunicação, "o que gerou interesse dos semioticistas em investigar o campo da semiótica peirciana, devido a um caráter mais abrangente." (Oliveira, 2007, p. 30).

Para a interpretarmos signos e símbolos e, assim, chegarmos a conclusões mais amplas de significados pretendidos pelo autor do texto, podemos recorrer à relação entre semiótica e inferência. A inferência é o processo pelo qual concluímos informações adicionais ou subentendidas a partir de evidências dispostas no texto. Quando procuramos entender os propósitos comunicativos do autor de uma canção, por exemplo, e que suas intenções com as mensagens passadas não estão explícitas, usamos a inferência como recurso.

No estudo de Dell'Isola (2001), a autora revisa a literatura sobre inferência, apresentando diversas definições de diferentes autores. Essas definições revelam uma variação no conceito de inferência, que é por vezes considerada um processo e outras vezes um resultado informativo. Uma das definições que consideramos aqui plausíveis é a definição de Bridge (1977, p 37), quando diz que inferência é "[...] como uma

informação semântica não explicitamente estabelecida no texto, mas gerada pelo leitor durante o processo inferencial de especificações de proposições”. Contudo, anos mais tarde, Koch (2000, p. 23-24) elabora uma definição que vemos como mais completa para amparar os estudos atuais envolvendo inferência:

[as] inferências constituem estratégias cognitivas extremamente poderosas, que permitem estabelecer a ponte entre o material linguístico presente na superfície textual e os conhecimentos prévios e/ou partilhado dos parceiros da comunicação. Isto é, é em grande parte através das inferências que se pode (re)construir os sentidos que o texto implica.

Ou seja, é a partir das inferências que o interlocutor recebe o texto, seja ele falado, escrito, cantado, e, associando-o às informações prévias sobre as expressões mencionadas e sobre o autor, constrói os sentidos para o que ele ouviu.

O Currículo de Pernambuco de Língua Portuguesa para os Anos Finais, mais especificamente dos 7º e 9º anos, já prevê essa necessidade de desenvolvimento da capacidade de inferir quando estabelece como uma das habilidades a serem desenvolvidas nos estudantes a EF69LP44PE, no campo Artístico-literário, que consiste em

Inferir, em textos literários, a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo e produções literárias (tanto as consideradas clássicas quanto as marginalizadas), valorizando-as e reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, as sociedades e as culturas, sem perder de vista a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (Pernambuco, 2022)

Apesar de os clássicos movimentos literários não serem introduzidos aos estudantes pré-adolescentes do Ensino Fundamental, o contato com a literatura é inegável através de gêneros literários como poemas, crônicas, contos e, claro, temos a música. Com músicas, os estudantes podem demonstrar o que pensam, o que sentem, o que planejam. O cotidiano jovem atualmente está “enfestado” pelo gênero canção popular, uma vez que, com o advento das redes sociais, muito se publica acompanhado de canções que envolvem a vida do usuário das plataformas, que são, em sua maioria, especialmente jovens. Dessa forma, levar a música popular para a sala de aula pode ser uma estratégia válida e eficiente para a aprendizagem, o contato literário e a mobilização de saberes através de artes diversificadas como ela o é.

Um dos mais fortes aspectos da música com a literatura é o poder de se expressar e criticar socialmente um grupo ou um indivíduo público, atribuindo representatividade a um grupo e, assim, ganhando adesão ao “movimento” instigado pela canção. No Brasil, a música foi e é muito usada como uma das formas de expressar a indignação de um povo quanto as causas sociais, contra o poder público e até contra grupos opressores portadores de discriminações.

A música tem dado voz a classes socialmente marginalizadas e oprimidas desde o advento do samba no Brasil. Com o passar do tempo, outros ritmos como o funk carioca, por exemplo, foram explorados e ainda são recursos utilizados para os protestos sociais e os pedidos de atenção solicitados principalmente pelas comunidades brasileiras. É no trabalho com a língua que a literatura, como a presente na música, por exemplo, torna-se uma arma contra a voz daqueles que querem calar outros. Barthes (1980, p. 15-16) afirma que



As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinai de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua:

A língua tem poder de formar e de destruir. Ela é a base da autoridade social, pois é a partir da língua que se constituem as retóricas articuladoras que compõem o debate político e, conseqüentemente, de controle da sociedade. A música e sua influência, visto que é um dos tipos de arte – se não o grande tipo – mais consumidos por todas as esferas da sociedade (tendo em mente a população dividida em classes econômicas), exerce relevante poder, pois pode, como a literatura, incomodar.

A interação entre literatura e música é evidente em diversas manifestações culturais no Brasil. Dois exemplos notáveis são a obra de Chico Buarque e o Movimento Tropicalista, no qual Caetano Veloso se destaca como um dos principais representantes. Porém, ainda hoje, via artistas de grande expressão popular, a música/literatura é instrumento de crítica social e de representação do (s) eu (s).

Uma das artistas de grande destaque nacional e internacionalmente da música popular brasileira é Elza Soares. Com seu forte apelo social e uma voz “rasgada” que protestava contra o sistema, ela será a fonte de nossa análise com o objetivo de propor um plano de aula que contemple a habilidade do Currículo de Pernambuco mencionada neste trabalho.

“NO TEMPO DA INTOLERÊNCIA”: ANÁLISE INFERENCIAL DO TEXTO



Gravada em 2021, mas lançada em 23 de junho de 2023 pela Deckmusic, com produção de Rafael Ramos, no álbum póstumo de mesmo título, “No Tempo da Intolerância” é uma faixa de Elza Soares em que ela critica o estado atual da sociedade brasileira, principalmente seu caráter político. Com duração de 2:50 minutos, a ‘mulher do fim do mundo’ retrata posturas intransigentes e polêmicas no clima tenso que tomou conta do país em meio a atitudes reacionárias de uma parcela da população que se manifestou principalmente com a eleição do ex-presidente da república, Jair Bolsonaro.

Sobre Elza

Nascida em 20 de janeiro de 1930, no subúrbio carioca, Elza Soares da Conceição foi uma das maiores cantoras e compositoras brasileiras da MPB. Foi eleita pela BBC de Londres, em 2000, a ‘Melhor Cantora do Universo’. Teve uma infância dura, sendo obrigada pelo pai a casar aos 12 anos. Teve seu primeiro filho aos 13; aos 15, o segundo. Ambos morreram. Em 1953, Elza Soares deu início à sua carreira artística ao participar de um teste na Rádio Tupi, no programa de calouros apresentado por Ary Barroso, onde alcançou a primeira posição.

Aos 21 anos, Elza Soares fica viúva. Aos 27 anos, já tinha 5 crianças. Anos mais tarde, começa de forma clandestina um relacionamento com o então jogador de futebol e ídolo nacional Garrincha, ainda casado. Acusada de ser amante e destruir o casamento do famoso jogador, ele se separa da esposa e casa com Elza, com quem teve um filho. Com a aposentadoria de Garrincha e o aparecimento do alcoolismo na vida dele, Elza Soares começa a sofrer violência doméstica, apesar de nunca ter denunciado. A ligação entre Garrincha e Elza Soares teve seu término em 1982. Garrincha veio a falecer



no ano seguinte, em 1983. Infelizmente, Júnior, filho do casal, perdeu a vida em um acidente de carro em 1986.

Elza sempre foi uma cantora que falava de sociedade, especialmente contra o racismo, as desigualdades sociais e preconceitos existentes, além do feminismo constantemente presente em seus discursos. Conhecida por dizer o que pensa, a cantora é considerada uma das mais polêmicas por tratar diretamente de assuntos delicados e nem sempre colocados em debate, principalmente nas primeiras das quase 7 décadas de carreira de Elza.

‘No Tempo da Intolerância’

A canção começa com Elza Soares citando o pastor batista e ativista político norte-americano Martin Luther King: *"Para criar inimigos não é necessário declarar guerra, basta dizer o que pensa"*. A estrofe é também o refrão da música:

*Como dizia Luther King
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa*

A escolha por citar Luther King não foi à toa, pois podemos inferir que há em comum com Elza a luta contra a discriminação racial na sociedade, que, apesar de distintas (Brasil e EUA), possuem esse problema. A luta de Martin Luther King Jr. estava centrada na busca por direitos civis e igualdade para os afro-americanos nos Estados Unidos. Ele foi uma figura proeminente no movimento pelos direitos civis nas décadas de 1950 e 1960, buscando o fim da segregação racial e a conquista de direitos básicos, como o direito de voto, para a comunidade afro-americana.

King defendia a resistência não violenta como meio de protesto, inspirando-se nas ideias de Mahatma Gandhi e é lembrado como uma figura-chave na história dos direitos civis



nos Estados Unidos. Seu trabalho teve um impacto duradouro na promoção da justiça social e da igualdade racial. Já Elza é até hoje um símbolo de resistência contra o racismo, o machismo e a homofobia, protestando em suas músicas e lutando contra os diversos tipos de preconceito. Em entrevista ao site ‘Delas’, a cantora afirmou:

Lidei muito com preconceito. É por isso que eu falo tanto das mulheres, especialmente das mulheres negras. Falo muito do racismo e da homofobia, da cultura, do respeito e da tolerância. Ainda é difícil ser uma mulher negra no mundo. Assusta-me muito ver certos governos caminharem para o racismo. Eu já vi e vivi muita coisa, por isso só posso ter esperança e acreditar em dias melhores. A minha experiência ensinou-me que só podemos ter respeito e sermos tolerantes com os outros.

Elza Soares sempre batalhou pelas causas da população negra, em especial da mulher negra, o que é representado por sua figura: mulher, negra, de origem periférica, vítima de violência doméstica, além dos episódios lamentáveis que viveu desde a sua infância.

A música segue:

*No tempo da intolerância
Acordou com o pé esquerdo
Tem que ir pra Cuba*

O fato de acordar com o pé esquerdo somado ao de ter de ir para Cuba, infere-se que não se trata apenas do significado comum da expressão “pé esquerdo”, que significa ter um dia de azar, mas se refere a uma postura política: ser de esquerda em um país que, na época, era governado por um grupo de direita conservadora.



O regime cubano é frequentemente citado pelos grupos de direita no Brasil como uma referência de um governo de esquerda que não deu certo, ou seja, como um governo que, por ser de esquerda, priva a população de liberdade e é obrigada a lidar com o fracasso econômico, tendo em vista os altos índices de inflação daquele país, fazendo com que muitos dos seus habitantes passem necessidades básicas como falta de alimento e de condições de manter uma moradia digna. Ter que ir para Cuba, como cantado, seria uma punição, sugerida por extremistas brasileiros, aos indivíduos politicamente de esquerda e defensores do regime mencionado.

Elza segue:

*A camisa do Brasil
É coisa de fascista*

A camisa da Seleção Brasileira de Futebol, desde as manifestações em prol do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff ao longo de 2015 e 2016, foi usada como uma espécie de uniforme dos autodeclarados nacionalistas brasileiros – grupo que se confunde com os eleitores do presidente Bolsonaro.

Diversas dessas pessoas costumavam se manifestar publicamente, seja em grupos pelas ruas ou nas plataformas de redes sociais, de modo que eram constantemente acusadas de racismo (por serem contrários às políticas públicas de igualdade racial), de homofobia (por se declararem contra a união de pessoas homossexuais), de machismo (pelos ataques sexistas contra a ex-presidente Dilma), entre outros. Tais atitudes foram caracterizadas por intelectuais brasileiros e por



militantes de esquerda como fascistas³. Desse modo, infere-se que a camisa da seleção virou símbolo dos ataques de pessoas potencialmente fascistas na sociedade brasileira.

A canção continua:

*Mulher que fala o que quer
É chamada de p#ta⁴*

Nesse trecho, Elza Soares destila sua crítica feminista sobre aqueles que são contrários à liberdade plena da mulher na sociedade. Para Elza e feministas, a mulher deve ser e fazer o que quiser, podendo ter os mesmos direitos civis, ideológicos e de comportamento social que o homem. Atitudes como ser livre para se relacionar com mais de um homem sendo solteira, de não se casar virgem ou de ser a chefe de uma família sem a ajuda masculina, por exemplo, são condutas que a sociedade machista e conservadora não aceita pacificamente. Por isso, ofendem as mulheres que têm tais posturas.

A cantora vai além:

*Homem que casa com homem
É chamado de bicha*

Alicerçada pela pauta também LGBTQIA+, Soares reclama dos rótulos e termos ofensivos e pejorativos contra os homossexuais, que são constantemente atacados por uma sociedade de valores homofóbicos, que não aceita a união entre pessoas do mesmo sexo, especialmente homens, em uma atitude que confere homofobia com machismo. Tanto as

³ O termo "fascista" tem uma carga histórica significativa e é frequentemente usado para descrever uma pessoa ou um sistema político que adota características associadas ao fascismo. O fascismo é uma ideologia política autoritária, ultranacionalista e antidemocrática que surgiu na Europa no início do século XX, especialmente na Itália sob o regime de Benito Mussolini.

⁴ Palavra considerada ofensiva.

acusações contra as mulheres citadas como contra gays são típicas do grupo masculino, branco, heterossexual e extremista, apoiadores de Bolsonaro⁵, o presidente no poder na época da composição.

Com relação ao governo e seus apoiadores criticados em ‘No Tempo da Intolerância’, vale ressaltar que eles se justificam pela pauta religiosa cristã. Reforçando tal relação, podemos inferi-la nos versos seguintes em que Elza canta:

*Tá todo mundo atirando pedra
Com a vida cheia de pecado*

A estrofe acima se refere à passagem bíblica em que Jesus condena aqueles religiosos que queriam apedrejar uma mulher adúltera, julgando-a como se também não tivessem pecado:

Porém Jesus foi para o monte das Oliveiras. E, pela manhã cedo, voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando, e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isso diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. (Bíblia, Jo, 9, 1-11)

⁵ Não se trata de uma acusação contra os eleitores de Bolsonaro. Sabemos que os casos infelizes vêm, de fato, de algumas pessoas no meio de dezenas de milhões de apoiadores do ex-presidente que não apoiam tais posturas, porém é fato que aqueles que têm essas condutas, por nós condenáveis, se confundem com as pautas defendidas pelos apoiadores do governo que vigorou de 2019 a 2022.



Infer-se, desse modo, que os acusadores das mulheres, dos negros e dos gays por grupos extremistas que se dizem religiosos, na visão de Elza Soares, são pessoas hipócritas, que se acham no direito de condenar práticas que não lhes dizem respeito e não têm consciência dos erros que também cometem, isto é, não param para refletir sobre o que realmente importa, o que é mais importante na religião que professam e insistem em assuntos polêmicos para agredirem outros e censurarem suas condições e estilos de vida.

*Cada um fazendo a sua regra
Ninguém mais pode pensar ao contrário*

É possível inferir que a cantora sugere que, durante aqueles dias, dominava uma política autoritária, censuradora, que esnobava os valores culturais, sociais e humanos. A literatura, através da música (no geral) pode possibilitar esse espaço de crítica, reflexão e indução de comportamentos. A literatura é rebelde, mas também pode ser didática, usada para modelar estilo de vida através dos discursos. Nessa perspectiva, a música, em si, é uma ferramenta importante para atingir muitas consciências.

*Mas eu apanho de todos os lados
Eles dizem que eu sou polêmica*

Nos versos acima, encerrando a primeira parte da canção, infer-se que Elza já sofreu e sofre com as injustiças sociais por ser mulher e negra pelas informações que se tem sobre sua vida. Por ter originalidade e coragem de dizer o que pensa através das suas canções, sempre foi rotulada de cantora polêmica, visto que nem todos os artistas usa(vam) da sua arte para fazer críticas sociais e levar o público à reflexão e à revolução (não que seja algo obrigatório aos artistas). A música segue repetindo as estrofes já analisadas.

PROPOSTA DIDÁTICA



Observadas as possibilidades de reflexão acerca dos valores sociais, culturais e humanos, como propostas pela habilidade EF69LP44PE de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental no Currículo de Pernambuco, partimos agora para uma proposta de aula tendo como tema as inferências na canção explorada. A partir dela, podemos pensar sobre questões de racismo, violência, homofobia, machismo, e, principalmente, sobre o contexto político-social do país.

<i>Plano de Aula:</i>
<i>Dados de Identificação:</i> Professor (a): - Disciplina: Língua Portuguesa Turma: 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais Duração: 3 aulas (2h40)
<i>Tema:</i> Trabalhando valores sociais através de inferências literárias.
<i>Objetivos:</i> Objetivo geral: Reconhecer os valores sociais a partir de inferências literárias em uma música. Objetivos específicos: Identificar críticas a partir de inferências na canção ‘No Tempo da Intolerância’, de Elza Soares; Refletir sobre os problemas sociais mencionados/inferidos na canção; Promover um debate acerca da importância da democracia, do respeito e da tolerância com as diferenças sociais. Debater sobre a importância da literatura na vida e na sociedade.

Conteúdo: Inferência literária.

Recursos didáticos: quadro, folhas, canetas, aparelho de som, música.

Metodologia:

A turma será introduzida a informações sobre a vida e a obra de Elza Soares. Em seguida, será instigada a falar sobre os valores necessários para uma sociedade justa. Cada um deve escrever em uma folha todos os valores que vierem à mente. Depois, no verso, devem escrever aquilo que não cabe em um grupo social para o bom convívio e a promoção de um lugar melhor para viver.

Em seguida, a turma se dividirá em duas partes. De um lado, aqueles que quiserem lerão aquilo que consideram importante para uma sociedade e o porquê. Do outro lado, revelarão o que excluiriam do mundo se pudessem e o porquê. O professor escreverá no quadro as palavras que forem selecionadas por cada lado da turma.

Depois, todos escutarão a música 'No Tempo da Intolerância', de Elza Soares. Após a primeira execução, os estudantes devem apontar os valores e problemas sociais indicados pela canção. O professor explicará que foi possível fazer essa identificação a partir da inferência textual literária e a conceituará.

O próximo passo será feito em grupos de 3 a 5 componentes. Eles responderão a um questionário acerca da letra da música.

Para finalizar, os grupos, mediados pelo professor, apresentarão suas respostas e debaterão com o grande grupo seus pensamentos escritos.

Avaliação: O aluno será avaliado conforme sua participação na aula: momentos de fala no debate, atenção à música, observações feitas por escrito etc.

Bibliografia:

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

OLIVEIRA, L. D. **Signos e Metáforas na Comunicação da Música**. Dissertação apresentada ao mestrado de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, 2007.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

QUESTIONÁRIO

1 – Você já havia escutado a música ‘No Tempo da Intolerância’? Na sua opinião, música é um instrumento de protesto e justiça social?

2 – Para você, o que é literatura? Uma canção se enquadra nesta área de estudos?

3 – Você concorda com a cantora e compositora Elza Soares com relação ao que ela critica na canção? Por quê?

4 – Após as discussões com o professor, defina inferência e responda: É possível fazer inferência em qualquer texto ou apenas nos literários?

5 – Se você fosse um dos compositores da canção escutada, o que incluiria ou removeria dela? Por quê?

6 – De acordo com o tema trabalhado, você acredita que a vida pessoal de um artista influencia naquilo que ele fala através da sua arte?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das inferências literárias na canção “No Tempo da Intolerância”, de Elza Soares, permitiu compreender a potência da literatura — em diálogo com a

música — como instrumento de reflexão crítica e formação cidadã. A investigação evidenciou que o trabalho com textos artísticos em sala de aula pode ultrapassar os limites do ensino formal, promovendo experiências de leitura que articulam linguagem, cultura e ética.

O estudo alcançou o objetivo proposto de analisar as inferências literárias presentes na canção e de propor uma prática didática que favoreça a interpretação de valores sociais, culturais e humanos, conforme previsto na habilidade EF69LP44PE do Currículo de Pernambuco (2022). Os resultados esperados ultrapassam o domínio técnico da inferência, pois envolvem o desenvolvimento de atitudes de respeito, empatia e valorização da diversidade — dimensões centrais de uma educação comprometida com a cidadania e com os direitos humanos.

Fundamentada nas reflexões de Bakhtin (1997, 2011), Candido (1995), Koch (2000) e Peirce (2017), a pesquisa reforça que toda produção discursiva é carregada de valores e intenções, e que compreender o implícito é um exercício de leitura crítica e humanizadora. Assim, o ensino de Língua Portuguesa assume um papel formador e emancipatório, ao possibilitar que o aluno perceba o texto artístico como espaço de diálogo entre vozes sociais, ideológicas e culturais.

O trabalho também reafirma a importância de trazer para o ambiente escolar manifestações culturais próximas à realidade dos estudantes, como a canção popular brasileira, a fim de fortalecer o vínculo entre arte, linguagem e experiência social. A música de Elza Soares, marcada por um discurso de enfrentamento à intolerância e à desigualdade, oferece material fértil para a leitura inferencial e para a formação ética e estética do educando.



Em síntese, a articulação entre inferência, literatura e música amplia o repertório cultural dos alunos e consolida o ensino como prática social transformadora. Como perspectiva futura, sugere-se a ampliação dessa proposta para outros gêneros musicais e níveis de ensino, promovendo um diálogo contínuo entre arte, linguagem e sociedade — condição essencial para a construção de uma educação crítica, plural e humanizada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARON, Roberto; BALTAR, Marcos Antonio Rocha. **A literatura, as canções e a humanização das práticas sociais com o ensino da língua escrita**. Cerrados, Brasília, n. 51, p. 149-173, dez. 2019.

BALTAR, Marcos; FRAGA, Camila Farias; ESPÍNDOLA, Michela Ribeiro; ANDRADE, Tayná Miranda de (orgs.). *Práticas educativas com o gênero canção na educação básica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

BÍBLIA. *João*. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3. ed. Rio de Janeiro: ARC, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 3 nov. 2025.



BRIDGE, C. **The text-based inferences generated by children in processing written discourse.** University of Arizona, 1977.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169–191.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sociocultural.** Belo Horizonte: Formato, 2001.

FERREIRA, Maria Clara Emanuel. **Música popular brasileira: trajetória, identidade e resistência cultural – uma revisão de literatura.** *Interference: A Journal of Audio Culture*, v. 9, n. 1, p. 21–27, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

NERY, Antônio Carlos Rocha; MENEZES, Ana Cláudia Rodrigues. **O gênero canção em livros didáticos de literatura e língua portuguesa.** *Scriptum*, v. 24, n. 50, p. 175–203, 2020.

OLIVEIRA, Luciana Dias. **Signos e metáforas na comunicação da música.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

QUINTANA, Ivan Pereira. **Análise semiótica da música como veículo de mensagens de cidadania na educação: um exame crítico.** *Revista Panorâmica*, v. 39, maio/ago. 2023.



SCHER, Steven Paul. **Verbal music in German literature**. New Haven: Yale University Press, 1968.

SCHER, Steven Paul. **Notes toward a theory of verbal music**. *Comparative Literature*, v. 22, n. 2, p. 147–156, 1970.

SCHER, Steven Paul. **Literature and music**. In: BARRICELLI, Jean Pierre; GIBALDI, Joseph (orgs.). *Interrelations of literature*. New York: MLA, 1982. p. 225–250.

SOARES, Elza. **No tempo da intolerância**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/elza-soares/no-tempo-da-intolerancia/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

Recebido em 31/07/2025.

Aprovado em 06/11/2025.